



ENTRE DOIS IMPÉRIOS

VIAJANTES
BRITÂNICOS
EM GOA
(1800-1940)



FILIPA
LOWNDES
VICENTE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

© 2015, Filipa Lowndes Vicente e Edições tinta-da-china

Rua Francisco Ferrer, 6 A
1500-461 Lisboa
Tels.: 217269028/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Entre Dois Impérios — Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940)*

Autora: Filipa Lowndes Vicente
Índice onomástico: Paula Gonçalves
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Távares)
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Dezembro de 2015

ISBN: 978-989-671-294-5
DEPÓSITO LEGAL: 403101/15

A história dos portugueses na Índia contribuiria certamente para enriquecer a narrativa moral de qualquer historiador de filosofia que quisesse debruçar-se sobre o declínio e a queda de impérios. (...) Gama! Albuquerque! Estes são os grandes nomes a ter em consideração. É um lugar que qualquer inglês deveria visitar. Um lugar onde em especial um Príncipe Inglês poderá retirar enorme proveito da sua visita. Se nós nos orgulhamos dos nossos feitos e da nossa história na Índia, e se nos rejubilamos pelas façanhas da nossa raça, ao olharmos para certas ruínas como aquelas que o Príncipe de Gales tem contemplado, somos levados a questionar-nos sobre os factores que minam as fundações de Estados poderosos e que contribuem para transformar em pó o trabalho de estadistas e soldados.

William Howard Russell, *The Prince of Wales' Tour* (1875)

AO MEU MESTRE CAMÕES

(Tu se' lo mio maestro, e' lo mio autore)

Grande poeta-peregrino do Mar e da Terra;
Vítima eterna da vontade errática do destino;
Condenado a todo o mal humano e desumano,
Não obstante teu coração-bondoso, tua mão-heroína:
Tomado pela pluma, essa maravilhosa união,
De formas divinas as páginas douradas preencheste;
Amor, Honra, Justiça, Coragem, Glória, Emoção
A alma, obediente ao teu vigoroso comando:
Entre os Profetas mais altos se senta o Bardo,
Tão Revelador na Terra como no Céu,
No Céu, és o guia, na Terra, o mais nobre dos guardas;
E entre os Poetas, teu é o incomparável valor,
Cujo glorioso canto, única recompensa do teu génio,
Atravessa todos os tempos, Camões. Bendito seja o teu nascimento!

Isabel Burton (c. 1890)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO:

Conhecimentos e cruzamentos coloniais	15
---------------------------------------	----

PARTE I

COLONIZAR A COLÓNIA VIZINHA:

VIAJANTES BRITÂNICOS EM GOA	71
-----------------------------	----

1. A «Goa Imperial»: James Forbes e as <i>Memórias Orientais</i> de finais do século XVIII	73
2. A revolução liberal em Goa e o primeiro governador indiano: relato de um diplomata em 1836	85
3. Um «estranho numa Goa estranha»: a primeira narrativa de viagem de Richard F. Burton em 1851	93
4. Passagem por Pangim: Tom Cringle, funcionário da administração colonial britânica (1864)	111
5. Laboratório de passado colonial ou futuro anexo da Índia britânica? O Príncipe de Gales em Goa (1875)	119
6. Resistência local ao levantamento hidrográfico de Goa feito pelos ingleses em 1880	129
7. Um anglicano no maior evento católico da Ásia: Graham Sandberg na exposição de Goa de 1890	145
8. Governadores em visita à «outra Índia»: Lord Ripon (1883), Sir Grant Duff (1885), Lord Curzon (1900) e Lord Minto (1909)	151
9. Religião e república: o reverendo Palmer em Pangim (1912)	165
10. A Segunda Guerra Mundial em Goa: o manuscrito de Anne Bremner	169

PARTE II

MULHERES, VIAGENS E ESCRITA: AS NARRATIVAS DE ISABEL BURTON E KATHERINE GUTHRIE EM GOA NA DÉCADA DE 1870

	187
11. Cruzar colonialismo e estudos de género	189
12. Mulheres britânicas escrevem sobre mulheres indianas	195
13. Possibilidades e limitações da escrita feminina: Burton e Guthrie em Goa	205
14. O contributo dos intelectuais goeses para a «história de Goa» de Isabel Burton	217
15. «Inglesar» Camões: a colaboração do casal Burton na tradução e publicação de <i>Os Lusíadas</i>	225
16. Purgatório entre palmeiras: a Goa contemporânea de Isabel Burton	231
17. A devoção de uma católica inglesa por São Francisco Xavier	245
18. Turismo na «Índia do lado»: Katherine Guthrie de férias em Goa (1876)	255
19. Peregrina accidental: Guthrie na Exposição do Corpo de São Francisco Xavier (1878)	271
20. «Se eu tivesse tantos olhos como o deus Indra»: a Índia de perto	277
AGRADECIMENTOS	295
NOTAS	297
BIBLIOGRAFIA	333
ÍNDICE ONOMÁSTICO	353

«Mapa político do império indiano. W. Swan Sonnenschein & Allen's
Plastic School Atlas.» 1880, in David Rumsey Map Collection.

«Carta chorografica da India Portuguesa. Resumo do mapa
do tenente James Carling. Lisboa: Lith. de Castro, 1860».
Litografia colorida. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

INTRODUÇÃO

CONHECIMENTOS E CRUZAMENTOS COLONIAIS



«ERA MUITO DIFÍCIL PERCEBER
ONDE ACABAVA O HINDU E COMEÇAVA
O EUROPEU»: PORQUÊ IR A GOA?

William Howard Russell, o escritor oficial da viagem do príncipe de Gales a Goa, em 1875, descreveu as recepções e eventos organizados pelas autoridades goesas em sua honra. A primeira impressão centrou-se na aparência das pessoas – os «europeus» pareciam «hindus» mascarados e, em geral, «era muito difícil perceber onde acabava o hindu e começava o europeu».

Para um inglês, Goa era mais estrangeira do que o resto da Índia. O facto de ser uma Índia colonizada por portugueses há tanto tempo distinguia-a profundamente do imaginário imperial britânico.¹ Duplamente exótica, Goa não encaixava nas representações que os viajantes faziam da Índia, mesmo antes de partirem. Em Goa, os britânicos revelavam muitas vezes uma estranheza em relação ao cruzamento de dois conceitos – «indiano» e «europeu» – cuja distinção era não só mais evidente na Índia britânica, como fazia parte da própria definição do colonial. Em Goa, pelo contrário, as fronteiras não eram tão claras, e isso, para muitos viajantes, podia ser perturbador. Isabel Burton, por exemplo, quando esteve em Pangim em meados de 1870, queria que os goeses cantassem «música nativa» e se vestissem de «nativos». Quando cantavam em italiano ou francês e se vestiam à moda de Paris, mesmo que de umas temporadas atrás, os nativos não correspondiam às suas expectativas sobre a alteridade e a vontade de reconhecer fronteiras bem definidas entre «nós» e os «outros». Como muitos outros viajantes, Isabel Burton

não queria ver-se ao espelho. Queria, sim, estar perante o diverso, perante o que ela própria não era nem queria ser mas que, como viajante, queria ver. O que a perturbava não era a diferença, mas a familiaridade do que via e ouvia, o confronto com todos os que eram demasiado semelhantes a si própria. Burton não conseguia reconhecer autenticidade naquilo que percebia como sendo um mimetismo, uma imitação indiana do europeu, e não um entrosamento efectivo de factores, de características, de costumes indianos com europeus, ou hindus com cristãos, onde deixasse de fazer sentido procurar distinguir o original do adquirido, o «autêntico» daquilo que fora «apropriado».

Membro da comitiva de Lord Minto aquando da sua visita a Goa em 1909, Dunlop Smith escreveu um diário onde registou o encontro entre os mais altos representantes das colónias britânica e portuguesa, ambas em aparente pé de igualdade. Porém, as palavras duras de Dunlop Smith revelam bem a superioridade sentida pelos britânicos em relação à «outra» colónia – atitude idêntica à de tantas outras descrições britânicas de Goa. O que mais parecia incomodar Dunlop Smith não era a pobreza, nem a óbvia decadência goesa em relação a um passado longínquo, mas os sinais de riqueza, de orgulho ou de ostentação que pareciam ter sobrevivido ao declínio. Era este contraste que surgia paradoxal aos olhos da colónia britânica: a profusão de medalhas nos peitos dos homens em contraste com a ausência de poder militar colonial; a alegria dos ritmos das bandas de música em contraste com a tristeza das ruínas; os olhos cruéis de um arcebispo que comia demais e as igrejas brancas numa paisagem tropical; enfim, um «governador-geral da Índia» que gostava que o tratassem por «vice-rei».

Implícita em todas as suas descrições estava a ideia de um território mal gerido que seria mais eficiente se fossem eles, os britânicos, a governá-lo. A ironia e mordacidade de Dunlop Smith demonstram que o seu relato não fora pensado para publicação e nada tinha de narrativa oficial. Pelo contrário, a sua escrita parece acolher aquilo que a função oficial não podia revelar. Em Goa, enquanto acompanhante do maior representante do governo colonial da Índia britânica, Dunlop Smith sentia que os seus gestos e o seu olhar eram constantemente seguidos – as sessões

de cumprimentos intermináveis, as cerimónias codificadas e as palavras, ditas ou ouvidas, condicionadas pela função exercida. Só na intimidade dos seus diários podia encontrar o espaço para escrever sobre aquilo que pensava mas que nunca poderia ter manifestado: a opereta colonial, na qual todos representavam um papel. Um papel que Smith põe por escrito, com a distância condescendente de quem apenas observa.

Em suma, as múltiplas manifestações do «europeu» misturadas com aquilo que era percebido como sendo indiano, bem como o orgulho aparente dos representantes do Estado colonial português – quando não havia nada de que devessem orgulhar-se – eram traços frequentes em relatos de viagem de britânicos à Índia portuguesa.

Existem muitos espaços de encontros coloniais, espaços que, numa expressão muito citada, Mary Louise Pratt denomina de «zonas de contacto», que permitem analisar as relações entre colonizadores e colonizados, viajantes e viajados, discursos masculinos e discursos femininos, através da sua «co-presença, interacção, práticas e entendimentos entrelaçados, muitas vezes no interior de relações de poder radicalmente assimétricas».² Os relatos de britânicos em Goa vêm complexificar este debate. As relações assimétricas de poder não se encontram apenas entre colonizadores e colonizados, mas também entre colonizadores pertencentes a contextos coloniais muitos distintos, aqui sobressaindo tensões, rivalidades, condescendências e comparações.

A dificuldade em chegar a Goa era outro tema comum nos relatos de viagem. Quando, no princípio do século xx, o italiano Guido Gozzano explicou aos leitores por que razão ir a Goa era uma «fantasia de adolescente», invocou a sua atracção por um lugar obscuro e de difícil acesso: «Porquê ir a Goa? Porque nem Cook nem Loti se lembraram de Goa, porque nenhuma companhia de navegação faz lá escala, porque há um soneto de Herédia, inesquecível, que me empurra em direcção a ela, porque poucos nomes apareciam tanto nas minhas fantasias de adolescente como o nome de Goa: Goa, a Dourada.»³

Na sequência da abertura do canal do Suez em 1869, o percurso entre a Europa e a Índia tornou-se muito mais fácil e breve, e o número de viajantes aumentou consideravelmente. Porém, Goa continuou à margem de

um mapa da Índia onde os lugares visíveis estavam cada vez mais codificados. A dificuldade em chegar a Goa e a falta de mobilidade já dentro do território era, assim, um tema persistente dos relatos de viagem de estrangeiros – mesmo em começos do século xx, quando grande parte da Índia já estava coberta de caminhos-de-ferro. O famoso guia de viagem *Murray* (1859), o mais utilizado por viajantes britânicos na Índia, incluía Goa nas suas propostas, citando até o livro que Richard Burton publicara em 1851, mas a vastidão do império exigia escolhas e estas eram cada vez mais determinadas por descrições de outros viajantes, bem como por outras formas de conhecimento e de divulgação eminentemente visuais: das popularíssimas e pitorescas gravuras setecentistas de William Hodges ou de Thomas e William Daniell, onde as ruínas de templos hindus emergiam de uma natureza idílica, às reproduções de monumentos indianos expostas em exposições universais europeias; das litografias de cenas e vistas indianas que abundavam nos jornais ilustrados europeus às fotografias e estereoscopias, banalizadas com o avançar do século xix, ou, já na transição para o século xx, à vulgarização dos postais fotográficos. A Índia tornara-se mais visível na Europa através da escrita, mas também através de uma cultura visual alargada desenvolvida pelas novas tecnologias de reprodução de imagens.⁴

Na literatura de viagens sobre a Índia, protagonizada sobretudo por britânicos, Goa manteve-se à margem dos destinos preferidos de um continente cada vez mais colonizado ao longo do século xix e, por isso mesmo, mais turístico. Se a viagem de barco, da Europa até Bombaim, ou de comboio, de Bombaim até muitas cidades indianas, era cada vez mais fácil, os acessos a Goa permaneciam difíceis. Existia apenas uma ligação marítima quinzenal com Bombaim, que, segundo Isabel Burton, não era certa nem suficiente para tornar a capital da Índia portuguesa num lugar de paragem ou sequer de passagem. Ainda era difícil ser um «estranho em Goa».⁵

Só em 1888 é que Goa passou a estar ligada à Índia britânica através dos caminhos-de-ferro. Porém, como Mormugão era a única paragem em território goês, continuava a ser difícil chegar à capital, Pangim.

Quando Graham Sandberg chegou à estação de comboio de Mormugão, em 1890, para visitar o túmulo de São Francisco Xavier em Velha

Goa, a primeira coisa com que se deparou foi uma placa, escrita em português, a dizer «entrada proibida». A escolha do itinerário do caminho-de-ferro, longe quer de Pangim, quer de Velha Goa, também foi sujeita à ironia de Sandberg: o seu propósito devia ser o de «fazer o visitante regressar a território britânico o quanto antes».

Contrastando com a crescente visibilidade de uma Índia cada vez mais descrita, fotografada, escavada, musealizada, a Índia portuguesa era quase um não-lugar esquecido no mapa do vasto império colonial britânico da Índia.⁶ O antropólogo francês Marc Augé teoriza sobre os «não-lugares»: espaços transitórios por onde se passa mas onde não se pára. Embora o autor se debruce sobre lugares da modernidade como aeroportos ou escadas rolantes de estações de metro, será que também podemos pensar em Goa – neste período e no contexto de uma Índia sinónima do império britânico – como um não-lugar? Como um lugar de passagem, de difícil acesso e, no contexto de uma Índia britânica preeminente, também um lugar de difícil definição?

Embora as duas palavras sejam muitas vezes usadas alternativamente, no caso de Goa penso ser mais adequado utilizar a palavra «viajante» do que «turista». Por um lado, porque existiam poucos sinais de turistificação – meios de transporte, hotéis, guias turísticos ou guias de viagem, relatos de viajantes, fotografia, *souvenirs* – na Goa da segunda metade do século. Por outro lado, durante o mesmo período, Goa também acabou por ser afectada, mesmo que de modo muito indirecto, pelo crescimento de um turismo global para o qual começava a haver poucos lugares desconhecidos. Mas continuavam a ser mais «viajantes» do que «turistas».

Simultaneamente, e apesar desta invisibilidade numa Índia mais alargada, ao longo do século XIX houve cada vez mais viajantes, sobretudo britânicos, à procura da Goa arqueológica e histórica, onde as ruínas de Velha Goa, a Igreja do Bom Jesus e o túmulo de São Francisco Xavier se tornaram protagonistas.⁷ Velha Goa – também conhecida simplesmente por Goa – fora capital do Estado da Índia até ao século XVIII, quando uma epidemia levou as autoridades a transferir a capital para Pangim, ou Nova Goa. A antiga capital, semiabandonada no século XIX, constituía a metáfora perfeita para a história do auge e declínio do império português. Correspondia



*Estação de Carvão de fumo de Mornujão
em Magad*



Visão da Ponte de Magad em Mornujão

também a um interesse pela ruína já consolidado pelo Romantismo e pela curiosidade antiquária desde o século XVIII. O facto de o príncipe de Gales ter visitado a colónia portuguesa no seu *tour* indiano de 1875 – uma viagem que teve enorme impacto na imprensa indiana e britânica, dando azo a inúmeras publicações – também constituiu um incentivo para os seus compatriotas. Esta breve estadia em Goa do filho da rainha Vitória, recentemente autoproclamada imperatriz da Índia, inaugurou uma série de visitas oficiais por parte dos mais altos dignitários da Índia britânica.

São Francisco Xavier foi um nome mencionado por quase todos os autores britânicos em Goa e, no caso das duas inglesas da década de 1870 que analisarei na segunda parte do livro, ocupou mesmo um lugar central nos seus relatos de viagem.⁸ Isabel Burton, enquanto católica, colocou-o no centro da narrativa. A sua abordagem de São Francisco Xavier foi historiográfica, mas também devota. Katherine Guthrie, pelo contrário, mantinha com o catolicismo a mesma relação que tinha com o hinduísmo ou com o islamismo: um interesse etnográfico, marcado pela curiosidade de quem observa de modo distante e pontual.

Além de ser um lugar sacro, o túmulo, a Igreja do Bom Jesus e toda a iconografia do santo transformaram-se em objectos monumentais, artísticos e históricos. O sagrado e o turístico não só não se opunham, como se encontravam entrelaçados num projecto que, em muitos momentos da história de Goa, foi especialmente politizado. A segunda metade do século XIX foi um período de especial aproveitamento religioso e político da relíquia sagrada por parte do governo português em Goa, ritualizando-se e consolidando-se um culto que se queria vivo e bem visível.⁹ Longe de se contradizerem, os dois factores eram indissociáveis – os peregrinos às vezes eram também turistas, e os turistas que não eram peregrinos também contribuíam para que o túmulo de São Francisco Xavier em Velha Goa fosse o mais importante objecto visual goês, o único monumento de visita obrigatória para quem passasse por Goa.

1. «Estação de Caminho-de-Ferro de Mormugão, em Margão» e «Vista do Quebra-Mar em Mormugão». Duas fotografias coladas. Álbum da Índia. Fotógrafos Souza & Paul. Arquivo ANBA, n.º 57.



ENTRE DOIS IMPÉRIOS

FOI COMPOSTO EM CARACTERES
HOEFLER TEXT E IMPRESSO PELA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
EM PAPEL CORAL BOOK DE 80 G,
NO MÊS DE DEZEMBRO DE 2015.